

PREFÁCIO I

A felicidade é o sentimento que temos de que tudo está bem. Ela é a ausência de medo, de perturbação e de conflito. É um estado mental de tranquilidade, satisfação e prazer. É paz de espírito. A coisa mais importante que temos de aprender sobre a felicidade, a meu ver, é que ela é uma escolha. Está sempre ao nosso alcance; está dentro de cada um de nós.

Veronica Ray

O budismo, segundo o Dalai-Lama, nos diz que podemos alcançar a felicidade através de quatro situações: a riqueza, o poder, a saúde e a iluminação – a qual me permito, em uma livre interpretação, chamá-la de autoconsciência –, mas nos adverte também que a riqueza está sujeita ao roubo, o poder, às conspirações e à queda, a saúde, às epidemias e à velhice. Estaremos, dessa forma, sempre dependendo do exterior, da aceitação dos outros, do julgamento positivo ou não que fizerem de nossa imagem, via de regra, reflexo distorcido e adaptado de nosso verdadeiro EU; portanto, a única forma segura e duradoura de atingi-la, ensina-nos, é através de nosso autoconhecimento, de nossa escolha pelos valores do espírito, pela paz e harmonia interior, pela bondade, pelo abandono da ética da personalidade e a expansão de nossa capacidade de amar todos os seres, indistintamente.

Temos, verdadeiramente, nos esquecido de questionar sobre o sentido de nossas vidas; temos comercializado, via de regra, nossa verdadeira felicidade em troca de poder, de maior projeção social, gerando

mais competição ao invés de cooperação. Temos, com isso, gerado mais tensão e angústia, síndromes do pânico e violência social.

Se me perguntassem, algum dia, qual a melhor maneira de se medir a verdadeira felicidade, diria que a alegria é seu maior reflexo; basta ouvir o alarido de um grupo de crianças brincando, o olhar encontrado dos apaixonados, o abraço apertado no retorno do ser amado e aí encontraremos a felicidade.

E Robson Santarém, neste livro, que ora tenho o prazer de apresentar, nos convida a refletir sobre a felicidade e a alegria dentro das corporações. Incita-nos a repensar sobre a responsabilidade dos líderes e das organizações na construção de ambientes positivos que propiciem a realização e a verdadeira felicidade das pessoas.

Mostra-nos a importância da alegria como um fator de sustentabilidade e desenvolvimento das empresas, trazendo-nos, em contraponto, as condições atuais no universo corporativo e social, esclarecendo-nos sobre as causas de tais cenários e indicando as ações corretivas necessárias à reversão.

Ao propor como pedra fundamental na busca da verdadeira alegria e felicidade a vida de Francisco de Assis, o autor introduz uma dimensão espiritual ao homem cotidiano, dá razão e sentido ao labor de cada dia e um significado maior à vida.

Descreve-nos sua missão divina: seu amor incondicional pelos seres da criação, seus ensinamentos como mestre e líder colocavam a humildade e a simplicidade como forças morais; cuidava e motivava, ouvia e corrigia e, acima de tudo, irradiava a alegria dos simples de coração. Foi, é e continuará sendo um modelo de liderança transformadora.

Ao final destas breves palavras, espero sinceramente que este livro seja uma fonte de inspiração a todos aqueles que buscam o verdadeiro sentido da vida.

Boa leitura!

Flávio Medrano de Almada
Diretor-superintendente Barcas S.A.

PREFÁCIO II

Da alegria dependente à perfeita alegria

Já tive vontade, diversas vezes, de sumir. Isto mesmo, de jogar tudo para o alto e ir a outro lugar, começar tudo de novo, começar um outro caminho, fazer outra coisa. E aposto que não sou o único a ter tido esta vontade. É provável que em algum momento de sua vida isto também já lhe passou pela cabeça. Às vezes os problemas crescem, a pressão aumenta e queremos sumir. Em outras ocasiões não estamos satisfeitos com o caminho de nossas vidas; estamos em lugares que não nos alegram muito, fazemos coisas que não nos trazem satisfatoriamente felicidade. Aí nossa mente trabalha com a hipótese: e se eu largasse tudo e começasse de novo?

Lá na Idade Média, no final do século XII e início do XIII, viveu alguém assim. Ele não estava satisfeito com a vida que levava. Seu pai era comerciante de tecidos e bem-sucedido. Acumulava riquezas, crescia financeiramente. O comerciante queria ver seu filho não apenas seguindo seus passos de sucesso financeiro. Queria mais que isto: queria que seu filho fosse um sucesso social. Queria que ele conseguisse um título de nobreza, que seu filho fosse um cavaleiro, um herói de guerra. Chegou a comprar tudo o que de melhor havia em termos de aparelhagem para a guerra: um bom cavalo, armadura, armas e a enviar o jovem para a batalha. Não funcionou. Não era isto que o jovem queria. A pressão sobre ele aumentava até o dia em que jogou tudo para o alto e foi seguir seu caminho. Um pouco simplificado, mas foi isto que ocorreu na vida de Francisco de Assis

quando, em sua juventude, não estava satisfeito com o caminho que lhe delinearara seu pai, Pedro Bernardone. E um dia, após muitas brigas, em plena praça da cidade, na presença inclusive do bispo – que o pai chamara para corrigi-lo –, Francisco tirou a roupa, jogou-a aos pés de seu pai e disse: de agora em diante chamarei de pai somente o pai que está nos céus. Isto foi o início de um novo caminho feito por Francisco, caminho este que o tornaria uma das pessoas mais fantásticas que a história humana já conheceu.

Esta coragem de Francisco em romper com o caminho traçado pelos outros, de começar tudo de novo, de iniciar um novo caminho a partir de suas convicções, é algo que sempre me levou novamente a admirá-lo. E acho que este é um dos pontos que fez de sua figura justamente um personagem grandioso na história. Ele nos fascina com sua ruptura, porque há muitas vezes dentro de cada um de nós esse mesmo desejo de ruptura, de começar tudo novamente. Cada um de nós, de certa forma, identifica-se com Francisco. Em cada interior humano dorme um Francisco de Assis e sua vontade de não mais conformar-se em ser conformado pelos outros e pelas circunstâncias. Dorme em nós a vontade de começar tudo de novo, de fazer uma ruptura radical. Se não o fazemos, deve-se muitas vezes a compromissos que temos, a responsabilidades assumidas ou, então, deve-se inclusive à falta de coragem. Mas que em nós, de certa maneira, dorme um Francisco de Assis e sua atitude de começar tudo de novo, isto dorme!

Após sua ruptura, Francisco teve uma caminhada de vida de plena liberdade. Não se sentia mais preso a ninguém e a nada que viesse de fora. Esta profunda liberdade manifestou-se em sua vida de muitas formas, as quais foram percebidas por outras pessoas de sua época, que também tiveram a coragem de fazer a mesma ruptura e seguir, com Francisco, um novo caminho. Em pouco tempo, Francisco tornou-se um líder de centenas, milhares de pessoas. Nascia, assim, o movimento franciscano. Não que Francisco desejasse ser líder de

algum movimento. Sua forma de vida é que atraía e fascinava quem queria formar grupo com ele.

Algumas características tornaram-se marcantes para Francisco e seus primeiros seguidores. Uma delas é a liberdade perante os bens materiais. Francisco e seu grupo não os possuíam. Viviam sem nada de próprio. Francisco chamava a pobreza de “dama pobreza”, “senhora pobreza” e dizia estar enamorado dela. Uma tal liberdade perante os bens é de causar inveja a todos nós que vivemos preocupados com possuir isto ou aquilo, com o sentimento de que dependemos dos bens para nos realizarmos como seres humanos. Com tal liberdade, Francisco livrou-se da preocupação com os bens e conseguiu alcançar uma atitude tamanha de independência diante deles, que estes não mais eram condições ou empecilhos para a realização ou para a felicidade.

Outra característica bastante peculiar do caminho de Francisco foi sua atitude perante as pessoas. Ele conseguiu uma liberdade tal perante a preocupação do “quem é quem”, que para ele não havia mais servo ou senhor. Todos são irmãos e irmãs. Ao viver o sentimento radical de fraternidade, Francisco alcançou a libertação das pressões por ser alguém, por ter *status*, por ser mais ou menos, por estar acima ou abaixo. É incrivelmente invejável conseguir esta atitude de não mais ter que se preocupar com a hierarquia, com o *status*. Sentia-se irmão de todos. E isto bastava. E assim vivia. Este sentimento lhe era tão forte e profundo que o transmitiu inclusive a tudo o que estava à sua volta: o irmão sol, a irmã lua, o irmão vento, a irmã água. E até mesmo seu sentimento de igualdade e unidade diante das pessoas e da natureza foi tal que chamou a própria morte de “irmã morte”. Por esta maneira de vida, Francisco é chamado de “irmão universal”. Como uma gota d’água no oceano, sentia-se ele igual a tudo. E isto não o fazia se sentir depreciado. Pelo contrário: com este sentimento, ele era o mar todo. Dessa forma, Francisco colocava-se diante de Deus e dizia “meu Deus e meu tudo”.

Pode alguém ser realizado, ser feliz, com esta maneira de vida? Estamos tão acostumados com o discurso de que a realização

depende de nossas conquistas, de sermos alguém, de realizarmos algo que nos é difícil imaginar como uma vida de tal desprendimento não seja vista como perda, mas como ganho da perfeita liberdade. Se, no entanto, pararmos um pouco e pensarmos nesta possibilidade de liberdade total, de libertação das amarras e preocupações com bens e posições, facilmente iremos concordar que Francisco teve uma vida de liberdade extremamente atraente. Como vivemos fazendo concessões, falta-nos a coragem para tanto.

Outra característica marcante de Francisco era sua alegria. Ser alegre, viver alegre! Foi chamado de “o irmão sempre alegre”. Há na vida de Francisco um diálogo belíssimo com seu irmão Frei Leão sobre a alegria. Não uma alegria qualquer, mas o que Francisco chama de “a perfeita alegria”. Francisco diz ao irmão Leão que se todos os seus irmãos fossem santos e vivessem de forma exemplar, nisto não estaria a perfeita alegria; que se todos os seus irmãos soubessem fazer milagres, curassem doentes e tivessem inclusive o poder de ressuscitar os mortos, nisto não estaria a perfeita alegria; que se todos os seus irmãos tivessem capacidades intelectuais tais que falassem todas as línguas e conhecessem toda a ciência, que tivessem até mesmo a capacidade de conhecer o passado e o futuro, nisto não estaria a perfeita alegria; que se todos os seus irmãos soubessem falar a língua dos anjos e que tivessem da parte de Deus revelações sublimes que os levassem a todo o conhecimento sobre a terra e o céu, sobre as estrelas e sobre a natureza, que tivessem todo o conhecimento inclusive sobre o ser humano, nisto não estaria a perfeita alegria. Intrigado, Irmão Leão pergunta onde estaria, pois, a perfeita alegria? Francisco faz então com o Irmão Leão um exercício de imaginação: “Imagine que chegássemos nós dois a uma fraternidade de irmãos e lá não fôssemos reconhecidos. E não só isto: que um irmão saísse ao nosso encontro e nos xingasse, nos chamasse de vagabundos e malandros, nos desse uma surra com um bastão cheio de nós e nos atirasse do lado de fora da casa, bem no inverno onde tudo estivesse

cheio de neve, nos arrastasse de um lado para o outro na neve e ali nos abandonasse com frio e fome. “Se nós”, diz Francisco ao irmão Leão, “conseguíssemos suportar tudo isto com alegria, esta seria a perfeita alegria”.

Num primeiro momento, ao lermos esta narrativa de Francisco sobre a perfeita alegria, ficamos de certa forma desapontados e achando que a perfeita alegria está no sofrimento e na renúncia, coisas que – sinceramente – não nos agradam. Estou convencido, no entanto, de que esta história da perfeita alegria de Francisco de Assis não tem nada a ver com uma lição barata de “é preciso suportar os problemas com alegria”. Francisco não está falando de suportar, nem de sujeitar-se ou conformar-se aos sofrimentos.

Na vida temos muitos momentos e situações de alegria. Temos alegria quando conquistamos algo, temos alegria quando recebemos alguma coisa, temos alegria quando encontramos amigos, temos alegria quando festejamos, sentimos alegria com o sucesso nosso e das pessoas que estão à nossa volta, temos alegria quando conseguimos comprar o que queríamos, temos alegria quando conseguimos bons resultados de nossos empreendimentos e, assim, poderíamos desfiar uma enorme lista de momentos de alegria. Há muitas coisas que nos causam alegria, que nos trazem alegria. Todas estas alegrias são legítimas. São verdadeiramente alegrias. Mas, se pensarmos bem, são “alegrias dependentes”. Elas dependem de algo para que aconteçam. A alegria, da qual Francisco falou ao Irmão Leão, não é uma alegria que tem por base algo externo, algo conquistado. Francisco está apontando para uma outra forma de alegria. A alegria que temos por algo que nos acontece ou algo que conseguimos é uma “alegria-resultado”. Ela é “resultado” de alguma coisa. Francisco não se opõe a ela, nem afirma que essa alegria seja melhor ou pior que outra. Mas aponta para uma outra forma de alegria, uma alegria que não seja dependente, que não seja resultado. Francisco fala de uma alegria ancorada dentro de cada pessoa, uma alegria que não dependa de

um outro fator externo para que aconteça. A esta alegria, que está dentro do ser humano, que não depende de algo vindo de fora, nem de acontecimentos, a esta alegria Francisco chama de “a perfeita alegria”. Perfeita não por ser melhor ou mais sublime que as outras, mas perfeita por não ser dependente, por ser absolutamente livre de qualquer condicionamento. A perfeita alegria não é consequência, nem resultado; ela é causa dela mesma. Francisco, em sua vida de total liberdade e desprendimento frente a todas as coisas, experimenta essa forma de alegria. A alegria que é alegria por si só.

Se, num primeiro momento, a história da perfeita alegria de Francisco nos deixa desapontados, pensando ser um bom conselho para perdedores, num segundo momento se pode entender que seria muito cruel pensar que a alegria só é possível como “alegria-resultado”. Estaríamos condenados a só termos alegria quando conseguíssemos algum resultado. Nunca teríamos em nós mesmos a fonte da alegria. Esta estaria noutra coisa. E nossa alegria seria dependente dessa outra coisa. A perfeita alegria de Francisco aponta para a possibilidade da alegria incondicionada: sem pré-condições. Não se trata de esconder problemas, nem de enganar-se a si mesmo e dizer que tudo está bem, quando não está. Na visão de Francisco, problemas e alegria não se contradizem. Seria muito cruel para nossa existência se só pudéssemos ter alegria quando os obstáculos estivessem vencidos.

Estou convencido com Francisco de Assis de que esta alegria – “a perfeita alegria” – é uma proposta viável ao ser humano. Todo ser humano é capaz dessa alegria perfeita, não dependente. Tal alegria é como uma pérola posta na alma de cada um de nós. Podemos deixá-la ali, adormecida. Mas também podemos acordá-la e acordar dentro de nós a perfeita alegria.

A proposta vivida por Francisco de Assis na Idade Média não ficou presa a seu tempo. Francisco continua inspirando nosso tempo. A perfeita alegria de Francisco não é uma “lenda” do passado. Ela é inspiração para cada ser humano, pois é dentro de cada ser

humano que se encontra a possibilidade da perfeita alegria. E cada ser humano não vive num mundo abstrato. Eu, você, cada um de nós se encontra em uma realidade concreta: de moradia, de relações, de condição física, de situação financeira, de fé etc. É para esta realidade concreta que a perfeita alegria pode ser uma inspiração.

A proposta deste livro é ver a perfeita alegria relacionada com o ambiente das organizações, das empresas, das instituições, enfim, o que se costuma chamar de mundo corporativo. Há um certo imaginário de que o mundo corporativo é um mundo cruel, selvagem, sem sentimento, onde só o lucro conta, no qual o pensamento dominante é competir cada vez mais e melhor, onde só se é alguém pelos resultados financeiros alcançados. Este imaginário está muito presente entre nós, especialmente no mundo religioso. É muito comum no mundo religioso um certo discurso anticorporativo, antiempresarial. Claro que o próprio mundo corporativo contribuiu para isso. Não podemos negar que o mundo corporativo não se confunde necessariamente com estações de caridade.

Por outro lado, também não se pode deixar de ver que boa parte do tempo de muitas pessoas é vivido dentro de corporações. E não como estações prisionais, exílios cruéis ou castigo necessário para se conseguir o sustento. Não se pode deixar de ver que boa parte das pessoas coloca em sua atuação corporativa o que de melhor tem: suas inspirações, capacidades, sonhos e crenças. Não que isto faça do mundo corporativo automaticamente um lugar de santidade. Mas é claramente verdade que o mundo corporativo é, hoje, um lugar de vida do ser humano, um lugar de alegria. E muito bom seria poder ver e sentir ali a vida humana como humana.

Pensar a perfeita alegria de Francisco como inspiração para o mundo corporativo não é querer instrumentalizar o santo de Assis? Tenho a convicção de que não. Francisco de Assis é inspiração para o ser humano e tudo o que lhe diz respeito. E o lugar corporativo é hoje um lugar concreto muito importante ao modo de vida humano.

Pensar Francisco neste contexto é não deixar o “irmão universal” parado na história. É fazê-lo caminhar junto com Frei Leão, comigo e contigo, falando sobre a perfeita alegria.

Este foi o desafio a que se propôs Robson Goudard Santarém, nesta obra intitulada justamente de “A perfeita alegria”: acordar o Francisco de Assis, o irmão sempre alegre que dorme em nós e fazê-lo caminhante em nossas vidas.

Petrópolis, janeiro de 2010

Frei Volney J. Berkenbrock